Falta de acolhimento à população LGBTQI+ no ciclo familiar

ABERTURA -USAR TRILHA NESTE OFF DE APRESENTADOR-
27''

“Se eu contar quem sou, será que vão me acolher?”
Essa pergunta é a de muitos jovens LGBTQI+ quando decidem assumir a orientação sexual para familiares e amigos.// A reação das pessoas próximas pode impactar para sempre a história de vida desses jovens./

A seguir, você vai ouvir algumas dessas histórias, as opiniões dos especialistas e conhecer algumas iniciativas que visam ajudar neste problema social.

A reportagem é de Mariana Souza//

OFF 1 – 25”

Uma pesquisa realizada, em 2015, pela Consultoria Santo Caos, que desenvolve pesquisas para engajamento de empresas, apontou que 63% dos participantes LGBTQI+ do estudo, sentiram rejeição total, ou parcial, dos familiares após assumirem a orientação sexual.//

A psicoterapeuta, Luísa Barcelos, explica um pouco de onde vêm o preconceito com as pessoas dessa comunidade

LUÍSA - 57''

Em primeiro lugar, é importante falar um pouco sobre a homossexualidade, nós temos relatos históricos da prática homossexual em toda a história do ser humano, mesmo na antiguidade, mesmo antes de cristo. A sexualidade sempre foi um tema que infelizmente as pessoas nunca souberam lidar de uma maneira aberta e objetiva, tem sempre uma conotação ao pecado, àquilo que é impuro, aquilo que é proibido. Sobre o caso de a mãe ou o pai colocar o preconceito acima de um filho, infelizmente, é algo que é muito comum acontecer. Ao mesmo tempo em que os pais têm dificuldades para assumir os filhos, os filhos também tem dificuldade muitas vezes para se assumir socialmente.

OFF 2 - 16''

Cada caso é particular e único. A experiência do jornalista, Vagner Vital, é formada por diferentes

reações. Com os amigos, ele conta que foi algo tranquilo e gradual, já com sua família o processo foi um pouco mais lento e inesperado:

VAGNER - 1'05''

Para minha família, eu me assumi aos vinte anos de idade, durante o meu primeiro namoro. Eu esperava uma reação assim... difícil né, por parte do pai e da minha mãe, por conta da idade deles e tudo mais, meu pai já tinha 70 anos, era idoso. Eu chamei ele para vir na minha casa e fui bem direto: pai, eu não gosto de meninas, aí quando eu falei isso para ele, eu não sei como ele entendeu, mas ele falou assim: Ah, não se preocupa, que a gente vai no médico e a gente resolve isso. Eu falei: pai, não tem problema nenhum comigo, né!? Eu não gosto de meninas, eu gosto de meninos. Ai, ele parou um pouco assim e pensou e ele já falou em seguida: Não tem nada, nem ninguém mais importante no mundo do que você e seus irmãos. E aí, a gente se abraçou, e eu fiquei bem emocionado, então foi bem lindo.

OFF 3 - 10''

A estudante de direito, Alice Gabriela, se entendeu como uma pessoa transexual desde sua infância. Antes de se assumir socialmente, foi preciso compreender a si mesma e como a sociedade funciona.

ALICE GABRIELA - 30''

Comecei minha transição tem um ano e pouquinho, né? Que eu comecei a tomar hormônio, mas a Gabi nasceu quando eu tinha dezesseis anos, uns anos atrás, mas era tudo diferente. Eu não era assumida trans na minha família e eu vivia uma vida dupla. A noite, nas festas, eu era a Gabi e durante o dia eu era outra pessoa. E eu acho que é isso, basicamente. Eu sempre fui muito colorida, muito pra frente, sempre fui uma mulher, realmente, em um corpo masculino.

OFF 4 - 08''

Após esse processo, o próximo passo de Gabriela seria contar para seus familiares, mas isso não aconteceu da forma que ela esperava.

ALICE GABRIELA - 23''

Acho que o tempo é a chave de tudo, então, eu simplesmente não tive o que fazer, porque eles descobriram, então eu respirei, esperei e expliquei, mostrei o universo, mostrei vídeo, mostrei pessoas e falei que era uma coisa normal e, com o tempo gente, tudo se encaixa. Tudo fica bem e as coisas voltam ao normal, parece que não, mas volta.

OFF 5 - 18''

Quando o jovem não tem apoio familiar, existem centros e ONGS com a proposta de ajudar com acolhimento psicológico e jurídico. O Centro Cidadania Norte, criado pela Prefeitura de São Paulo, é um exemplo. A psicóloga, Bruna Vasques é uma das profissionais desse centro e conta como funciona o programa.

BRUNA VASQUES - 28''

A gente trabalha muito em conjunto, então com a equipe como um todo, a gente estuda os casos, tem reuniões dos técnicos, onde a gente vai envolvendo, também, se necessário, o jurídico, envolve assistente social, então pra, tanto pra ter uma casa de acolhimento tanto pra uma pessoa que está numa

situação de rua, quanto pra retificar o nome dela de forma social ou, né, se precisar, ir dar queixa de alguma violência, então, nós temos uma equipe preparada pra isso.

OFF 6 - 12''

A história de vida de uma jovem trans, que a psicóloga prefere deixar em anônimo, é um exemplo da importância do centro como política pública. Bruna narra a história de vida da garota e comenta que a marcou muito.

BRUNA VASQUES - 55''

Ela era menor de idade, ia completar ainda 18 e veio para São Paulo numa tentativa de sobrevivência mesmo, porque na casa dela sofria não só violência física, como verbal, psicológica, desde restrições alimentares até com restrições de roupa. E que isso, infelizmente, não é algo incomum. Então quando eu me deparei com essa situação eu pensei "poxa, um indivíduo que ainda está em formação de personalidade, de vida, tá chegando na sua fase adulta. Receber tanta restrição, tanta violência, de

que forma esse indivíduo vai construir sua sociabilidade?"

OFF 7 - 17''

Como parte da construção da identidade e sociabilidade, a inserção dessa comunidade no mercado de trabalho é uma questão essencial e infelizmente, ainda marginalizada. A estudante e palestrante, Alice Gabriela, conta sua experiência.

ALICE GABRIELA - 30''

É muito difícil as pessoas contratarem uma travesti. É um questionamento que eu sempre faço para as pessoas. Quantas pessoas você conhece que são trans e estão no mercado de trabalho em um cargo importante? Ou em qualquer cargo, mesmo. É muito difícil, então, eu acho que o maior problema é na sociedade, mesmo, fora do círculo de amigos e de família, porque, assim, minha família super me apoiou, né, eu tenho esse privilégio de ser aceita. Foi muito difícil no começo, sim, mas depois tudo se encaixou.

ENCERRAMENTO - 30''

O preconceito contra a comunidade LGBTQI+ é algo enraizado há muito tempo em nossa sociedade e que afeta a vida de milhares de pessoas de todas as idades até hoje. A luta contra esse tipo de pensamento é um processo constante e diário e pode estar presente em mínimas atitudes. Os centros de acolhimento são instituições essenciais durante o processo de apoio que infelizmente muitos não recebem de seus familiares.//

Esse trabalho foi desenvolvido por Alice Castelo, André Felipe, João Marcos, Juliana Queiroz, Mariana Souza e Valentina Favaron. Com orientação da professora Eliane Basso.